



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

### GT 10: Informação e Memória

MODALIDADE DE APRESENTAÇÃO: COMUNICAÇÃO ORAL

## MUSEALIDADE: um conceito para o estudo de cidade<sup>1</sup>

**José Neves Bittencourt**

Universidade Federal de Ouro Preto

**Priscilla Arigoni Coelho**

Universidade Federal de Ouro Preto

**RESUMO:** O presente artigo é parte integrante de um projeto de pesquisa intitulado Ouro Preto: Cidade Museal, em andamento no Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (Ouro Preto, Minas Gerais). O projeto busca leituras alternativas do espaço urbano ouropretano como base para a formulação de novas propostas de gestão urbana. Discute a partir de quatro eixos analíticos – espaço, tempo, narrativas e identidades – a possibilidade da criação de ferramentas que sejam de utilidade para a abordagem de questões urbanas, do ponto de vista dos diversos agentes envolvidos com a dinâmica na e para cidade. O objetivo deste artigo é, inserido nos estudos de representação, analisar o conceito de musealidade como uma qualidade da cidade. Nessa perspectiva, postula-se a “musealidade da cidade” como uma forma de “olhar” a construção das identidades nesse espaço urbano como condição *sine qua non* a permanente negociação entre o individual e o coletivo. Sendo assim, este artigo pretende apontar os sentidos construídos sobre a cidade, como espaço sócio-político, considerando primordialmente a questão museal como parte de uma nova “imaginação espacial”, na qual o espaço passa a ser lugar de um “campo de forças” e interações sociais.

**Palavra-chave:** Cidade; Musealidade; Espaço; Identidade; Representação Social

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta algumas das reflexões que emergiram do Projeto de Pesquisa *Ouro Preto – Cidade Museal: problemas, propostas, potencialidades*, ora em andamento. O projeto, integrado ao Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (Ouro Preto, MG) busca, a partir de quatro eixos – espaço, tempo, narrativas e identidades – criar ferramentas que sejam de utilidade para a abordagem de questões urbanas, do ponto de vista dos diversos agentes envolvidos com a dinâmica do espaço urbano.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

### 1. INTRODUÇÃO

A cidade de Ouro Preto, do ponto de vista da ampla problemática do patrimônio histórico no Brasil, é marco. Marco de diversas faces e múltiplas interpretações possíveis, tem sido objeto ao longo das últimas sete décadas, desde sua institucionalização como “cidade-patrimônio”, dos mais diversos estudos<sup>2</sup>. Por desnecessário, também não tocaremos na questão da importância do conjunto histórico de Ouro Preto para o Brasil. Não foram poucos os áulicos de diversas extrações e os analistas especializados que o fizeram. A questão da atribuição de valor aquela cidade colonial, atribuição que vê sendo feita, afirmada e renovada desde que, na segunda década do século passado, a caravana de intelectuais liderada por Mário de Andrade, procedente de outro Brasil, chegou ao casario em decadência. Entretanto, vale apontar a afirmação da especialista Lia Motta. Embora discutindo uma questão de caráter geral, a reflexão dessa arquiteta oferece interessante porta de entrada para nossas próprias interrogações. Diz Motta:

A complexidade urbana acresce a tarefa de sua [da cidade] valorização como patrimônio, outros fatores, tornando-a um desafio também complexo. As cidades são de forma especial objetos culturais social e historicamente construídos, em permanente processo de apropriação social e adaptação a novos usos. Acumulam vestígios e trazem as marcas desse processo e representação das relações que ali se sucederam. Dessa maneira, transformam-se em lugares, ou seja, espaços nos quais podem

---

<sup>2</sup> Cf (por exemplo) BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Ediouro, 5ª ed., 2000. FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: Trajetória da política da preservação federal no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/IPHAN, 1997, cap. 3; BITTENCOURT, José Neves (org.) *Ouro Preto, Patrimônio da Humanidade: 25 anos de uma trajetória secular*. Oficina do Inconfidência: Revista de Trabalho (Ano 5, n° 4-dez.2007). Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 2007 (109-190).; MOTTA, Lia. *O SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios*. RPHAN (N°22,1987). Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória, 1987 (108-122); MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Colecionando relíquias: Um estudo sobre a Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934-1937)*. Rio de Janeiro: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em História Social, 2005 (dissertação de mestrado não-publicada).



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

ser reconhecidos elementos da história e identidade de quem os produziu. Por outro lado, são lugares de confluência de interesses financeiros referentes [...]³

Se por um lado, essa atribuição de valor é reconhecida como aspecto integrante dessas “cidades patrimônio”, e particularmente, entre nós, de Ouro Preto, por outro lado, outro aspecto dessas cidades – e de todas as outras – é, em geral, ignorado por analistas de todas as especialidades: o aspecto museal. Questão levantada por inúmeros analistas, com grande profundidade e erudição, o conceito, entretanto, não costuma a ser utilizado quando do estudo de cidades. Cidades-museus? Segundo Huyssen, em livro bastante ... digamos ... “badalado”, “a modernidade é impensável sem um projeto museico”⁴. Para o autor, a perda dos valores tradicionais dá lugar a um desejo de reconstrução, e está na origem dos museus modernos. A relação entre museu e cidade não pode, para Huyssen, se posta de lado, visto que os museus apontam para um nova visualidade. Cidades-museus, cidades pensadas como museus são um desdobramento do movimento dos museus e, por conseguinte, da modernidade⁵. Assim, é razoável pensarmos que “não podemos esquecer que o museu, assim como a descoberta da história, é um efeito direto da modernização, e não um efeito à sua margem”⁶. É uma idéia atualmente bastante em voga, e não são poucas as cidades que aspiram a “ser museu”. Alguns especialistas propõem métodos de abordagem que tornam possível tomar objetos urbanos, ou mesmo

---

³ MOTTA, Lia. O patrimônio das cidades. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos *et al.* (org.). *Museus e cidades*: Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003 (123-152).

⁴ HUYSSSEN, Andreas. Escapando da amnésia. In: Huyssen, Andreas. *Memórias do modernismo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. p. 223.

⁵ A idéia desse “desdobramento” pode ser conferida em SANTOS, Mônica de Menezes. A cidade museu: Godofredo Filho e o projeto conservacionista do modernismo brasileiro. In: II Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA. Salvador, BA, 03 a 05 de maio de 2006. Anais. Disponível em < [http://www.cult.ufba.br/enecul2006/monica\\_santos.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecul2006/monica_santos.pdf) > Consultado em 21 de julho de 2010.

⁶ Id.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

partes inteiras de uma cidade como acervos de museu<sup>7</sup>; também se pode observar esse movimento em diversas cidades – inclusive em Ouro Preto. Entretanto, ao propor o exame da “cidade museal” de Ouro Preto, não se buscará qualquer aspecto de “museu” – até pelo motivo de que a “cidade museu” que procura recontar certos aspectos históricos da vetusta Vila Rica não se confunde com a cidade museal. Esse aspecto certamente virá a ser considerado relevante para a pesquisa, visto que a trajetória do Projeto “Museu Aberto Cidade Viva”<sup>8</sup> o torna interessante documento sobre a dinâmica da cidade-patrimônio, em suas relações com seus usuários. Ou seja: a cidade-museu é parte da cidade museal.

Por sinal, vale apontar desde logo que é o aspecto que a pesquisa, em seu conjunto, abordará, é o de “cidade-patrimônio”. Não porque seja este o aspecto que, na atualidade, encapa a cidade. Sem a menor possibilidade de engano, se pode dizer que mesmo as cidades modernas, seja em seus centros degradados, áreas industriais esvaziadas, portos desativados, podem ambicionar o valor patrimonial. Todas as cidades aspiram a essa qualidade de museu, o antigo tornando-se desdobramento do moderno.

---

<sup>7</sup>Uma dessas propostas é a noção de “acervo operacional”. Cf. MENESES, Ulpiano T. B. de. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos M. dos *et all* (Org.) *Museus e cidades*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. p. 255-282; BITTENCOURT, José Neves. O lugar dos acervos operacionais na refundação do Museu Histórico Abílio Barreto. In: PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo (Org.) *Pampulha múltipla: Uma região da cidade na leitura do Museu Histórico Abílio Barreto*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2007. p. 17-33.

<sup>8</sup>Inaugurado em 2005, o projeto “Museu Aberto Cidade Viva” envolveu pesquisa histórica, arquivística, bem como entrevistas e trabalhos de sistematização de informações. Ao longo de dez meses, o trajeto do “Caminho Tronco”, no centro histórico de Ouro Preto (a área urbana diretamente preservada pelo IPHAN), foi feito detalhado levantamento nas residências, buscando nas inserções construtivas visíveis no traçado urbano, aspectos da história, sociedade e cultura da cidade. Os dados considerados relevantes para a divulgação desses aspectos foram colocados na fachada das edificações, em local visível hoje estão estampadas em selos nas fachadas do casario e em painéis interpretativos em pontos estratégicos da cidade. O projeto, aparentemente, busca criar um “circuito expositivo”. Embora não existam maiores informações ou estudos, é hoje parte integrante do Sistema de Museus de Ouro Preto. Cf *Sistema de Museus de Ouro Preto. Museu Aberto Cidade Viva*. Disponível em: <[http://www.museusouropreto.ufop.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=79&Itemid=82](http://www.museusouropreto.ufop.br/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=82)>. Acesso em 22 de julho de 2010.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

Huyssen aponta o museu como modo de “escapar da amnésia”, e aponta o fato de que “o único tipo de edifício público em voga hoje em dia parece ser o museu. Mas os museus dão mais suporte à política de imagem das cidades do que a nações”<sup>9</sup>. Mas, até que ponto esses museus, produtos de uma “globalização da memória”, falam realmente sobre as cidades? Para tanto, pretendemos que a musealidade, não apenas desses museus, pensados como artefatos, mas da cidade, deve ser objeto de análise.

É por essa perspectiva que se orienta a pesquisa que foi denominada “Ouro Preto – Cidade Museal: problemas, propostas, potencialidades”. Os múltiplos sentidos juntados sobre um artefato o transformam em documento de si mesmo, e a cidade não pode ser abordada de outra forma. A cidade feita museu, então, não é o objeto da reflexão sobre a cidade museal. A cidade feita museu, como pretenderam aqueles que elaboraram e deram curso a mais esse projeto para a cidade-patrimônio, talvez, sem toda essa clareza, buscassem aquilo que o teórico das cidades e do patrimônio Henri-Pierre Jeudy expôs, em texto ainda um tanto recente:

Era preciso que os signos monumentais representativos das memórias coletivas persistissem, assegurando a visão comunitária de uma transfiguração possível para o futuro, sem produzir o mínimo repúdio ao que havia sido. O que estava em jogo não era a transmissão patrimonial tradicional, mas uma “transmissão em ato”, da qual o conjunto da comunidade deveria participar. Ao invés de ser imposta como uma escritura da história da qual as pessoas estavam excluídas [...]<sup>10</sup>

A experiência ouropretana não fez da cidade um museu, mas acrescentou à cidade um novo sentido, como gosta de apontar outro teórico, cujas reflexões deixaremos para apontar um pouco mais tarde. Esse novo sentido brota da arquitetura vernacular,

---

<sup>9</sup> HUYSSSEN, Andreas. Mídia e discursos de memória. Entrevista concedida a Sonia Virgínia Moreira e Carlos A. de Carvalho Moreno. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* (Vol. 27, n° 1-2004). São Paulo: Soc. Bras. Estudos Inter. Comunicação, 2004 (97-104)

<sup>10</sup> JEUDY, Henri-Pierre. A máquina patrimonial. In. \_\_\_\_ *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. p. 26.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

ainda ativa, ainda “acervo operacional”, que o projeto busca recolocar no movimento de uma atualidade: a da cidade-patrimônio. Esse sentido, justaposto ao artefato “cidade” aponta, como possivelmente apontam outros que pudermos encontrar, para o espaço sócio-político, lugar de tensões e negociações que impregnam a dinâmica urbana, “da qual o conjunto da comunidade deveria participar. Ao invés de ser imposta como uma escritura da história da qual as pessoas estavam excluídas”, como aponta, agudamente, o teórico Jeudy.

O valor patrimonial se torna parte da questão museal, e esta aponta para uma outra “imaginação espacial”, na qual o espaço passa a ser lugar de interações sociais que produzem tensões políticas e culturais – tensões essas que, por sua vez, produzem musealidade.

Trata-se, portanto, da opção de trabalhar considerando a “musealidade da cidade” como uma forma de buscar a construção das identidades nesse espaço urbano levando em consideração a permanente negociação entre o individual e coletivo, oficial e informal, renovação e conservação. Nossa proposta é, justamente, apontar este processo de construção e negociação se configura entre múltiplas identidades que flutuam de modo ora divergentes ora convergentes a um eixo que tende a buscar uma certa regularidade.

Este artigo não se propõe a ser uma descrição do projeto ora em andamento em Ouro Preto. Como todo projeto acadêmico, esse também é ambicioso, e seu objetivo final é criar e experimentar ferramentas que possam, eventualmente, ser mobilizadas pelos agentes sociais para a gestão da cidade. O artigo, por outro lado, tem por ambição maior a proposta de debate.

Isto claramente posto, optamos por apresentá-lo em três momentos. Inicialmente, delineamos o campo teórico com os conceitos necessários. Assim, procuramos focar a idéia de uma “cidade museal” no que tange a abordagem da cidade a partir do conceito de “musealidade”, como uma qualidade. A musealidade é entendida, no âmbito do projeto e do artigo como a propriedade do objeto como documento. A partir desse, outros conceitos serão também mobilizados, para formar a trama a partir da qual surgirá a cidade que imaginamos. O “objeto museal”, portador de informação, orienta o entendimento estrutural da própria informação museológica: tanto atrelada ao suporte físico e semântico do objeto, quanto como construção simbólica, quanto à mensagem



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

estética ligada ao receptor. A cidade será interpelada como artefato, o que sublinhará suas diversas matrizes sobre o ponto de vista da musealidade. As questões estéticas, neste caso, ficarão em discreto segundo plano – plano em que estarão prontas para serem mobilizadas, sempre que necessário.

No segundo momento, nossa cidade surgirá como espaço-suporte de memória. Vale dizer: a memória da cidade se plasma no agenciamento do espaço pelos diversos agentes políticos e sociais. Desse agenciamento participam os diversos grupos que habitam a cidade, que a essa juntam suas memórias - num sentido amplo, a memória coletiva de uma sociedade. Nessa direção, pensar o espaço urbano implica a possibilidade de mobilizar os “trabalhos da memória”, como “lembrar” e “esquecer”, pois através desses se pode estabelecer um paralelo com as ações ligadas a “preservação” e a “destruição”. Lembrar-esquecer/preservar-destruir seriam, nessa medida, formas de valorização da cidade. Partimos da premissa de que a atribuição de valor, positiva ou negativa, ao espaço está intrinsecamente ligada à dinâmica da cidade e não é, ao contrário do que em geral se pensa, iniciativa e agências oficiais ou para-oficiais, mas da sociedade espreada pelo espaço agenciado. Nesse processo já se deixa revelar a musealidade do espaço, ou seja do espaço-artefato, tanto no que refere ao patrimônio cultural (em sua tangibilidade) quanto ao próprio “imaginário social” (em sua sutileza). A memória é percebida assim como suporte do imaginário dando origem as representações da cidade.

Por fim, procuraremos apresentar a articulação de sujeitos e suas práticas discursivas, buscando juntar subsídios para a reflexão sobre a representação social do espaço urbano e do patrimônio. Isso implica entender as “representações urbanas” como formações discursivas<sup>11</sup> que participam da elaboração de estratégias e práticas cotidianas

---

<sup>11</sup> Estamos referindo o conceito elaborado por Michel Foucault. Segundo esse teórico, a “formação discursiva” revela as condições de uma dada sociedade. Para ele, os discursos são uma “dispersão”, ou seja, são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade *a priori*. A “análise do discurso” aborda e descreve essa dispersão, revelando as regras que regem a formação dos discursos. Para esse teórico, as regras que determinam uma formação discursiva apresentam-se como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos, conceitos e estratégias. Todos esses elementos caracterizam a formação discursiva em sua singularidade, possibilitando a passagem



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

que têm lugar no espaço urbano. Na medida em que compreendermos a cidade com “artefato”, produto das relações entre indivíduos e como “campo de forças”, as “representações urbanas”, das quais o “patrimônio” é uma dentre outras, deverão clarificar-se como produto de informação e memória – ou seja, em sua musealidade. A representação surge então como a possibilidade de interação entre os membros dos grupos, habitantes do espaço urbano, que, pela via do estabelecimento de marcações de fronteiras pela identidade estruturam discursos sobre a própria cidade.

### **Primeira Proposição: do que valeria abordar uma cidade como *museu*?**

Em primeiro lugar, e como já foi apontado acima, a idéia de uma “cidade museal” não implica, necessariamente, pensar a cidade como *museu*. Implica, sim, pensar a cidade a partir do conceito de “musealidade”, qualidade que, nos museus, se agrega aos artefatos, lançando-os para além de suas funções utilitárias, e agregando-lhes sentidos, de representação e de símbolos. Esse conceito foi aperfeiçoado por Ivo Maroevic que, em texto de 1997<sup>12</sup> o define como a propriedade que tem um objeto material de documentar uma realidade, através de outra realidade: no presente, é documento do passado, no museu é documento do mundo real, no interior de um espaço é documento de outras relações espaciais. Talvez a formulação seja um tanto rebarbativa, mas parece indicar a qualidade que tem todo artefato de conter e disseminar informações. Ulpiano Meneses<sup>13</sup>

---

da dispersão para a regularidade. A formação discursiva aponta as condições de produção do discurso que lhe são intrínsecas: é na própria estrutura da formação discursiva que se pode apreender suas intenções, os termos de seu engendramento, e os procedimentos de controle que contém. Realizar a análise do discurso é, para Foucault, fazer política, no sentido estrito do termo, visto recolocar a correlação e a disposição de forças presente no imaginário social. (Cf. FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997).

<sup>12</sup> Cf. MAROEVIC, Ivo. *O papel da musealidade na preservação da memória*. Texto apresentado no Congresso Anual do ICOFOM – Museologia e Memória. Paris, Zegred, 18 de Febrero de 1997. Tradução de Tereza Scheiner.

<sup>13</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). *Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005. p.28



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

destaca que a transformação do objeto em documento ocorre no processo de musealização, ou seja, o documento é suporte de informação. Segundo o autor, “o que faz um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída [...] É pois, a questão de conhecimento que cria o sistema documental”.

De forma mais direta, Ana Lúcia Castro define o conceito como “a propriedade do objeto enquanto documento ou valor documentário, como foco específico da pesquisa museológica”<sup>14</sup>. Para tal a questão ligada à informação, o fato de o objeto ser depositário de toda uma gama de níveis informacionais diversos, que segundo Mensch<sup>15</sup>, configura um objeto em um modelo tríplice: o “objeto como documento”, o “objeto como mensagem” e o “objeto como informação”. Dentro desse contexto, podemos distinguir dois tipos diversos de informação, ou seja, a informação científica decorrente de fenômenos científicos e, uma outra, a informação cultural, lida com o valor atribuído dentro de um determinado processo social. Nesse sentido, Castro<sup>16</sup> observa o objeto museal como um condutor de informação e o entendimento estrutural da informação museológica estaria ligado à análise da configuração informacional. A mensagem do objeto, no caso do objeto museal, necessita de uma certa configuração de atividade cognitiva tanto do indivíduo quanto da sociedade para consolidação da comunicação social. Assim, torna-se necessário ressaltar, sob o ponto de vista da autora, as características da informação museológica, “O conteúdo cultural inerente ao objeto museal decompõe-se em informação científica, portanto semântica, e informação cultural, desse modo, informação estética. Isso pressupõe características e estruturas diferenciadas para as duas naturezas da informação museológica: estética e semântica”<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> CASTRO, Ana Lúcia S. Informação Museológica: uma proposição teórica a partir da Ciência da Informação. In: PINHEIRO, Lena Vania R. (Org). *Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade*. Brasília; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1999. 182 p.

<sup>15</sup> MENSCH, 1989 apud CASTRO, Ana Lucia Siaines de. *O museu do sagrado ao segredo*. Rio de Janeiro: Revan, 2009. p. 136

<sup>16</sup> CASTRO, Ana Lucia Siaines de. *O museu do sagrado ao segredo*. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

<sup>17</sup> Id. P. 138-139



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

Sendo assim, a informação museológica tem como premissa a construção do próprio objeto museal. Seguindo as idéias de Castro, podemos identificar que a informação, como uma construção simbólica, está atrelada ao suporte físico e semântico do objeto e que a mensagem estética está ligada a uma “estrutura receptora” ou “mecanismo de escolha”. Assim, dentro dessa lógica, segundo a autora, uma escultura em exposição num museu tem maior taxa de informação estética e informação museológica do que a mesma escultura exibida com um monumento em uma praça. O que consideramos importante destacar aqui é que a mensagem proveniente na informação estética depende primordialmente do repertório simbólico de interesse do receptor. Como o significado desses monumentos escultóricos, por exemplo, é construído, é pergunta que permanece correlata a tal situação.

Mais do que questões relativamente estéticas, buscamos aqui salientar a cidade e suas diversas matrizes sob o ponto de vista da musealidade. Como produção humana, destinada a atender demandas de seres humanos vivendo em sociedade, a cidade não pode, em princípio, ser considerada outra coisa que não um artefato. Como aponta Meneses, “é coisa feita, fabricada, o mais complexo artefato humano jamais produzido”<sup>18</sup>. Como artefato, então, a cidade porta informações que documentam uma realidade – a própria – e a realidade de seus habitantes e usuários. A “cidade museal” é a formação social em que informações são criadas, disseminadas, armazenadas e geram novas informações. De certa forma, a abordagem que buscará analisar como esses universos de informações circulam e são postos em relação com outros universos de informações, inclusive gerando conhecimento, essa é uma questão a abordar.

Artefatos são produtos da transformação da natureza pela intervenção do trabalho. Todo artefato contém, de certa forma, a natureza: ele é uma espécie de cápsula que guarda um pouco da materialidade da natureza, de seus fenômenos físicos, mas também da corporalidade que constitui ponto de chegada do processo de hominização do qual somos produto. Esse processo de “encapsulação da natureza” faz o artefato ultrapassar

---

<sup>18</sup> MENESES, Ulpiano T. B. de. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos M. dos et al. *Museus e cidades*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. P. 262.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

sua mera materialidade, suas “propriedades físico-químicas” e “morfológicas”. A geração, a existência, bem como a trajetória de todo artefato, está relacionada com situações vividas pelos agentes sociais, individuais ou coletivos, que lhes deram origem. Segundo essas premissas, não é difícil concluir que, para o habitante da cidade, a materialidade dessa está associada a inúmeros outros sentidos, produzidos ao longo dos processos históricos. Novamente recorrendo a Meneses, vale apontar que a cidade “[...] foi produzida no interior de relações que os homens estabeleceram uns com os outros. Assim, a segunda dimensão [da cidade] é a do campo de forças [...] espaço discernível de tensão, conflitos, interesses, energias em confronto constante [...]”<sup>19</sup>.

Podemos aqui retornar a Maroevic e seu conceito de “musealidade”: os artefatos são documentos de “outras relações espaciais”, ou seja, relações estabelecidas tendo o espaço por base, suporte e sentido. Podemos então considerar que a cidade é, por excelência, documento dessas relações, que se justapõem em sua morfologia. Valeria dizer (pelo menos provisoriamente ...): a cidade é documento de si mesma. Sua dinâmica gera informações que são suportadas e ficam acumuladas em sua morfologia. Essas informações suportadas pelo artefato que é a cidade orientam o “agenciamento” do espaço, qual seja, a forma e a função que o espaço irá assumir. A cidade, documento de si mesma, desdobra-se a partir das informações que contém: essas informações orientam práticas e representações que terão como suporte o espaço urbano.

Estamos, até aqui, considerando a “musealidade” como qualidade da cidade, que pode ser encontrada tanto nos usos quanto nas representações do espaço urbano. Coloca-se aqui mais uma questão: a “musealidade” da cidade está imbricada no espaço. Não cabe, no momento, estabelecer uma definição de “espaço”, embora tenhamos de apontar que tal definição será, oportunamente, de grande utilidade para a determinação da “musealidade da cidade”.

Colocamos, então, desde já, que o espaço, é uma problemática que estará no centro da problemática da “cidade museal”. Talvez seja o momento de deixar estabelecido

---

<sup>19</sup> Id.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

que a abordagem do espaço é uma das portas de entrada dessa cidade que pretendemos descobrir.

Embora uma definição de espaço não nos seja ainda necessária, podemos recorrer a algumas observações do geógrafo Milton Santos, em palestra realizada em 1996 – quando em nosso país crepitava o debate sobre a globalização e suas conseqüências. Nessa palestra<sup>20</sup>, Santos apresentou uma série de questões, desdobradas por ele em duas observações: o peso atribuído ao passado pelas ciências humanas, primeiro e, segundo, a tendência a construir uma teoria social que desconsidera, em sua conceituação, o espaço<sup>21</sup>.

Essas questões ainda são de grande interesse, e têm, desde sempre, suscitado reflexões interessantes. As cidades, como todo artefato, são construídas sobre espaço e estão impregnadas pelo tempo. As duas questões se cruzam, e era para esse cruzamento que o geógrafo parece querer chamar a atenção.

### **Segunda Proposição: a cidade pode ser considerada como suporte de memória?**

Sobre o “peso do passado”, de certa forma os pontos sublinhados por Santos<sup>22</sup> podem ser lidos como uma antecâmara para a ampla problemática da memória. Talvez em função do suporte de suas reflexões – uma palestra – o professor não tenha tido oportunidade de aprofundar o que ele mesmo coloca como “observações”, ou seja, constatações sem maiores conseqüências. Mas quando fala do “peso do passado”, talvez não estivesse querendo falar de “história”, “[...] essa concepção européia de mundo [...]”,

---

<sup>20</sup> SANTOS, Milton. Nação, Estado e Território. In: MENDONÇA, S., MOTTA, Márcia. *Nação e Poder: As dimensões da história*. Niterói, EdUFF, 1996. p. 23-29. (Transcrição da palestra proferida na Universidade Federal Fluminense em 4 de junho de 1996).

<sup>21</sup> Id. p. 24.

<sup>22</sup> SANTOS, Milton. Nação, Estado e Território. In: MENDONÇA, S., MOTTA, Márcia. *Nação e Poder: As dimensões da história*. Niterói, EdUFF, 1996. p. 23-29. (Transcrição da palestra proferida na Universidade Federal Fluminense em 4 de junho de 1996).



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

mas de memória. No que tange à abordagem do passado, trata-se de duas dimensões completamente diferentes. Individual ou coletiva, a memória retira sua energia da afetividade, de uma relação que projeta no presente o passado, este como fonte daquele. Como construção imaginária, é, de fato, estática: seu conteúdo está congelado em um tempo que tende a ser considerado como ideal e, portanto a ser sacralizado. Por outro lado, memória também é informação, qual seja, algo dotado de conteúdo, algo que conforma a experiência. É esta a característica da memória que interessa aos cientistas, dentre esses, o historiador.

As questões relacionadas à emergência e a construção da memória tem aparecido entre as preocupações primordiais das políticas culturais, e, portanto, das políticas de patrimônio. Para Huyssen<sup>23</sup>, o surgimento desse fenômeno ocorre necessariamente por uma retomada dos “passados presentes” via os “discursos de memória”.

Segundo Halbwachs<sup>24</sup>, estudioso que contribuiu para delimitação do conceito de memória social, a memória dependeria dos quadros sociais que um indivíduo se defrontava ao

longo da vida, pressupondo, portanto, a tese das memórias individuais intimamente ligadas ao grupo do qual faz parte cada sujeito dentro de um contexto social. Ou seja, a memória estaria ligada à memória do grupo e, por conseguinte, relacionada a uma esfera maior, a memória coletiva de uma determinada sociedade.

Podemos pensar, nesse sentido, que tal situação propicia inúmeras e profundas transformações no cenário contemporâneo na medida em que este permanece dominado por espaços de memória. Assim, a cidade pode ser considerada como suporte de memória? Parece que essa sugestão não é mais, hoje em dia, passível de qualquer dúvida. As operações de memória se instauram no espaço urbano, ao instituí-lo como artefato: selecionar, armazenar, lembrar, esquecer. No espaço urbano, o “lembrar” e o “esquecer” podem assumir formas bastante variadas: o “lembrar” pode ter a forma de um monumento, pelo menos em teoria uma inserção que marcará para sempre o espaço

---

<sup>23</sup> HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

<sup>24</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo. Vértice, 1990.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

urbano; o “esquecer” pode estar contido na ação de demolir um prédio, ou mudar o traçado de uma rua. Na dinâmica da cidade, essas operações de memória poderiam ser traduzidas na “preservação” e “destruição”. São também formas de valoração. Estamos acostumados a pensar a preservação como “valoração”, mas “[...] os valores, como construções históricas e sociais, remetem, invariavelmente, ao imaginário social. As valorações negativas estendem-se, por conseguinte, às obras, à cidade e às formas do viver urbano”<sup>25</sup>.

Essa “atribuição de valores”, positiva e negativa, faz parte da dinâmica da cidade museal. Não apenas por indicar as condutas relativas ao patrimônio cultural, mas também por estarem relacionadas ao “imaginário social”. Uma definição muito rápida desse conceito o dá como “conjunto de imagens e relações de imagens produzidas pelo homem a partir, de um lado, de formas tanto quanto possível universais e invariantes, – e que derivam de sua inserção física, comportamental, no mundo – e de outro, de formas geradas em contextos particulares historicamente determináveis”<sup>26</sup>. São dois eixos – o universal e o particular – que convergem, se articulam e mutuamente se determinam. Em última análise, o imaginário permite o reconhecimento da realidade – o mundo – e sua representação desse mundo e sua tradução em discurso.

Como afirma Freire, então, a atribuição de valores relativa ao par preservação/destruição está relacionada a esse “conjunto de imagens e relações de imagens” (seria o caso a debater se a expressão “imaginário social” não seria redundante, visto que tal conjunto só poderia originar-se na dinâmica das sociedades). A memória seria, por excelência, o suporte do imaginário, assim como a atribuição de valores não apenas será feita com base nos conteúdos desses conjuntos, como também gera novos conteúdos, no que diz respeito ao mundo historicamente determinado. Nesse sentido, as representações que os habitantes da cidade dela fazem, originam-se no imaginário. A cidade museal seria, pois, uma cidade imaginária.

---

<sup>25</sup> FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: Os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Annablume/FAPESP/SESC, 1997. p. 46.

<sup>26</sup> COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: FAPESP/Illuminuras, 2ª ed., 1999. p. 213.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

### **Terceira Proposição: a cidade como “espaço imaginário” e dimensão de representação social**

Ao refletirmos acerca do conceito de cidade estamos levando em consideração os múltiplos significados da vida social. É na articulação dos sujeitos com suas práticas discursivas que a reflexão sobre identidade ganha contornos. Deste modo, cabe salientar que o termo “discurso” é polissêmico e demanda certa perpetuação. Essa proposição permite compreender o discurso como acontecimento e produtor de sentido. Ou seja: a formação discursiva e formação ideológica inicialmente proposta por Foucault<sup>27</sup> foi desdobrada por Pêcheux<sup>28</sup> sob o ponto de vista da relação entre os discursos e suas condições de produção. Nesse sentido, o contexto é determinante e o discurso seria uma construção de sujeitos envolvidos em um determinado contexto sócio-político-ideológico.

Como ponto de referência a cidade passa a ser observada a partir de sua representação, uma “cidade imaginada” que reflete a interseção dos sujeitos-habitantes no espaço urbano, em relação aos monumentos que o compõem. Este repertório não se apresenta apenas à contemplação, mas principalmente à apropriação pelos sujeitos-habitantes, como parte do cotidiano vivido na própria cidade. Ou seja: os monumentos juntam e ensinam algo, espécie de resumo da formação e do crescimento da cidade e de sua relação com seus habitantes e usuários. Como aponta Meneses: “[as] representações urbanas” são imagens sobrepostas à prática cotidiana no espaço urbano, ou seja, “[...] a cidade ‘representada’, ‘imaginada’ não é uma suposta ‘cidade em si’, puro objeto, mas signos e significações no interior de uma experiência humana, que serve de matriz”<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

<sup>28</sup> PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

<sup>29</sup> MENESES, Ulpiano T. B. de. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos M. dos et al. *Museus e cidades*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. P.263-264



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

Nesse caso, e na medida em que consideramos os sujeitos como agentes sociais, será importante traçar “mapas” que localizem e identifiquem os “lugares sociais”.

Isso posto, cabe delimitar o conceito de “representação”, aqui visto sob o prisma da geração de conhecimento, se constitui num processo cognitivo transformação na medida em que ocorre a partir de estruturas simbólicas. A representação seria assim uma forma de atribuição de sentido, um sistema lingüístico e cultural com base nas relações de poder. Nesse sentido, a linguagem sob o prisma de estudos culturais de Hall<sup>30</sup> seria o meio, meio este que permite o significado ser produzido. Assim, os significados sobre o espaço urbano são construídos por seus habitantes – praticas e processos simbólicos que conjugam mutuamente a representação, o significado, a linguagem e a materialidade. Sendo assim, deveremos observar, para compreensão do universo comum de um grupo social, a noção de “cultura”. Recuperando a clássica definição do antropólogo Clifford Geertz: trata-se de uma estrutura de significados compartilhados e estabelecidos socialmente. Isso significa que o grupo tem um senso de conjunto que permite a seus membros considerarem-se partícipes<sup>31</sup>.

Deste modo, é a partir do conceito de representação que os conceitos tanto de identidade quanto de diferença ganham contornos, adquirem sentido e se ligam a sistemas de poder. Ou seja, quando falamos sobre os conceitos de identidade e diferença estamos questionando os sistemas de representação. Para tal, podemos introduzir o conceito de “identidade”, frisando que esse conceito necessita do outro para ser referenciado: a alteridade. A questão da alteridade, o “reconhecimento pela diferença” nos aponta para os processos de interação dos indivíduos às relações de poder<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> HALL, Stuart. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: SAGE Publications, 2003.

<sup>31</sup> Cf. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. P.4

<sup>32</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (orgs). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.73-102, 2000.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

Destacamos Meneses<sup>33</sup>, para o qual a cidade, como artefato, seria produto e vetor de relações entre os homens. Assim, conforma-se como “campo de forças” que abarca tensões, conflitos e interesses de diversas ordens: territorial, ideológica, econômica, política, social, cultural. Nessa concepção, a identidade desses atores está atrelada à sua inserção social e essas identidades permanecem “móveis”, fronteiriças pelo diálogo contínuo que estabelecem com espaço urbano.

Deste modo, os atores-habitantes que compõem o espaço urbano nos permitem pontuar a relação entre identidade e memória, relação que, segundo Pollak<sup>34</sup>, só é possível se levando-se em consideração os três elementos essenciais para a construção dessas identidades: a própria idéia de espaço enquanto unidade física, a continuidade pelo tempo e o sentimento de coerência. Temos também de considerar que a memória trabalha seletivamente, e é fator de unidade e coesão para os grupos sociais. Campo de possibilidade da permanência, ou dizendo de outra forma, da lembrança, a memória torna-se objeto de disputa e, por conseguinte, de poder.

É justamente através do processo de representação que se estabelece a interação e a comunicação entre os membros dos grupos que habitam o espaço urbano. Um determinado grupo, no sentido de unidade social, consolida os canais que alimentam as ações e, por conseguinte, o comportamento de seus membros. Tais mecanismos que permitem regular as atividades do grupo ocorrem através da sintonia de idéias e de interesses dos indivíduos. E, assim, a cultura seria o meio pelo qual um grupo estabelece marcações de fronteiras para sua identidade, estruturando assim discursos na e pela cidade.

### **Breves Considerações: a musealidade como uma qualidade da cidade entre ecos, olhares e registros**

---

<sup>33</sup> MENESES, Ulpiano T. B. de. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos M. dos *et al.* *Museus e cidades*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. P. 262

<sup>34</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol.10, p.200-212, 1992.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

Nossa proposta de análise retoma a cidade de Ouro Preto, palco da institucionalização da problemática do patrimônio histórico do Brasil, buscando compreender a cidade como espaço de confluência de interesses e interpretações possíveis. Tal investigação preliminar nos levou a destacar, particularmente, a seguinte questão: como o significado da “cidade museal” é construído? Se consideramos a cidade, como objeto cultural, construído tanto social quanto historicamente, a atribuição de valor é condição *sine qua non* da “cidade-patrimônio” mas também da “cidade-museu”.

Partindo dessas observações, optamos por delimitar o aspecto museal da cidade, seu projeto museico, não no sentido de pensar a cidade como um museu, lugar de exposições de obras e monumentos, mas sim a musealidade aplicada a matriz da cidade como qualidade. Nesse sentido, torna-se necessário ressaltar que na experiência ouropretana o valor patrimonial permanece em confluência com o aspecto museal. Onde, então, a “cidade museal” é compreendida com uma formação social, lugar das tensões e negociações que caracterizam a dinâmica urbana. De fato, acreditamos que, na dinâmica urbana, as significações se sucedem como camadas que se sobrepõem no espaço e no tempo, ou seja, consagram imagens na memória coletiva e orientam intrinsecamente práticas e representações, formas e funções, *na e ao longo da cidade*.

Neste sentido, podemos dizer que a “musealidade”, como qualidade da cidade está imbricada no espaço. Assim, ao realizar a análise optamos por trabalhar considerando tal “musealidade” como uma forma de construção e negociação das identidades no espaço urbano tendo em vista a permanente negociação entre indivíduo e grupo social, renovação e conservação, palco do “lembrar” e do “esquecer” da vida cotidiana.

Pretendemos que esses apontamentos abram possibilidade de interlocução para entender a “cidade museal” sob o ponto de vista dos “estoques informacionais”. Esses “agregadores de informação”, unidades que armazenam o conhecimento produzido – pessoas, documentos, constructos teóricos ou práticos – potencialmente são ferramentas para a implementação do desenvolvimento de indivíduos, do grupo social e da sociedade. O objetivo final do Projeto é criar uma metodologia e, sucessivamente, ferramentas que possam eventualmente ser mobilizadas para gestão da cidade. O que poderia



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

proporcionar, quiçá, indicar uma leitura alternativa do espaço urbano ouropretano, do ponto de vista dos diversos grupos que o habitam, utilizam e ao mesmo juntam suas identidades: habitantes permanentes, agentes externos (turistas, visitantes, população flutuante) e poder público local e federal.

**ABSTRACT:** This article is part of an ongoing research project intitled *Ouro Preto: Cidade Museal*. The research seeks alternative readings of urban space of the city Ouro Preto as the basis for new proposals for urban management. The text discusses from four analytical categories - space, time, narratives and identities – the possibility of creating useful tools for addressing urban issues, from the perspective of various actors involved in the dynamic and city. This paper is inserted in the studies of representation, examining the concept of “museality” like quality of the city. From this perspective, it is postulated a "museality of the city" as a way to "look" the construction of identities in urban space as a prerequisite to ongoing negotiation between the individual and collective. Therefore, this article intends to raise the senses of the city, such as socio-political space, considering the question primarily museum as part of a new "imagination of the space" in which the space becomes a place of "force field" and social interactions.

**Keywords:** City; Museality; Space; Identities; Social Representation

### Referências

BITTENCOURT, José Neves (org.). Ouro Preto, Patrimônio da Humanidade: 25 anos de uma trajetória secular. Oficina do Inconfidência. *Revista de Trabalho* (Ano 5, nº 4-dez.2007). Ouro Preto: Museu da Inconfidência, p. 109-190, 2007.

\_\_\_\_. O lugar dos acervos operacionais na refundação do Museu Histórico Abílio Barreto. In: PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo (Org.) *Pampulha múltipla: Uma região da cidade na leitura do Museu Histórico Abílio Barreto*. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2007. p. 17-33.

CASTRO, Ana Lúcia S. Informação Museológica: uma proposição teórica a partir da Ciência da Informação. In: PINHEIRO, Lena Vania R. (Org). *Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade*. Brasília; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1999.

CASTRO, Ana Lucia Siaines de. *O museu do sagrado ao segredo*. Rio de Janeiro: Revan, 2009.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2ª ed., 1999.

FONSECA, Maria Cecília Londres. A fase heróica. In: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *O patrimônio em processo: Trajetória da política da política de preservação federal no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/IPHAN, p. 81-130, 1997.

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: Os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Annablume/FAPESP/SESC, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo. Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: SAGE Publications, 2003.

HUYSEN, Andreas. Escapando da amnésia. In: Huysen, Andreas. *Memórias do modernismo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

HUYSEN, Andreas. Mídia e discursos de memória. Entrevista concedida a Sonia Virgínia Moreira e Carlos A. de Carvalho Moreno. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* (Vol. 27, nº 1-2004). São Paulo: Soc. Bras. Estudos Inter. Comunicação, p.97-104, 2004.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JEUDY, Henri-Pierre. A máquina patrimonial. In: \_\_\_\_ *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Colecionando relíquias: Um estudo sobre a Inspeção de Monumentos Nacionais (1934-1937)*. Rio de Janeiro: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em História Social, 2005 (dissertação de mestrado não-publicada).



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

MAROEVIC, Ivo. *O papel da musealidade na preservação da memória*. Texto apresentado no Congresso Anual do ICOFOM – Museologia e Memória. Paris, Zegred, 18 de Febrero de 1997. [Tradução de Tereza Scheiner].

MENESES, Ulpiano T. B. de. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos M. dos *et all. Museus e cidades*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. P. 262.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). *Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm; Brasília, DF: CNPq, 2005.

MOTTA, Lia. O patrimônio das cidades. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos *et al.* (org.). *Museus e cidades: Livro do Seminário Internacional*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, p.123-152, 2003.

MOTTA, Lia. O SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios. RPHAN (n°22,1987). Rio de Janeiro: SPHAN/Pró-Memória, p.108-122, 1987.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol.10, p.200-212, 1992.

SANTOS, Milton. Nação, Estado e Território. In: MENDONÇA, S., MOTTA, Márcia. *Nação e Poder: As dimensões da história*. Niterói, EdUFF, 1996. p. 23-29. (Transcrição da palestra proferida na Universidade Federal Fluminense em 4 de junho de 1996).

SANTOS, Mônica de Menezes. A cidade museu: Godofredo Filho e o projeto conservacionista do modernismo brasileiro. In: II Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA. Salvador, BA, 03 a 05 de maio de 2006. Anais. Disponível em <[http://www.cult.ufba.br/enecul2006/monica\\_santos.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecul2006/monica_santos.pdf)>. Acesso em 21 de julho de 2010.



## XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da  
informação

*Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010*

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (orgs). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.73-102, 2000

*Sistema de Museus de Ouro Preto. Museu Aberto Cidade Viva*. Disponível em [http://www.museusouopreto.ufop.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=79&Itemid=82](http://www.museusouopreto.ufop.br/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=82). Acesso em 22 de julho de 2010.